Boletim Nutrindo a Mudança – JANEIRO DE 2026

GOMO: Um respiro agroecológico na Oxxolândia

Por Susana Prizendt - C. P. C. A. P. V. e MUDA-SP publicado originalmente no Outras Palavras

Quando corporações engolem o comércio local e impõem o deserto dos ultraprocessados, uma iniciativa inspira a urbanidade frutífera: um mercado onde o trabalho é cooperativado desafia a ideia de patronato e oferece preços justos. Poderá se espalhar pelas cidades?

"A melhor esquina é a sua porque tem Oxxo na rua" - slogan da empresa no Instagram

"Um outro mercado é possível" - chamado da Gomo Coop em material de divulgação

Na Agroecologia, nenhuma espécie de ser vivo é definida como uma praga. Cada animal, vegetal ou fungo tem sua função na teia da biodiversidade. Quando um deles se multiplica exageradamente ou atrapalha um determinado ecossistema, dizemos que existe um desequilíbrio e buscamos incentivar a natureza a se reorganizar.

Mas, quando olhamos para a sociedade humana, a palavra praga tem muita utilidade! Ela pode ser usada, por exemplo, para definir outro tipo de "elemento": aquele que, apesar de ser algo dispensável à nossa existência sob qualquer perspectiva, surge e se multiplica insanamente até perturbar o ambiente em que vivemos. É o caso da Oxxo, uma rede de mercados que têm pipocado em grandes cidades brasileiras nos últimos anos - e se espalhou com uma velocidade alucinante.

Durante a fase crítica da pandemia, quem seguiu a orientação de fazer quarentena a sério em São Paulo sabe da surpresa que foi voltar a sair nas ruas e dar de cara com uma unidade da rede em cada esquina. Elas tomaram os lugares em que antes estavam padarias, cabeleireiros, papelarias, restaurantes ou até outros mercadinhos, daqueles que funcionavam há décadas no bairro.

E, no decorrer dos dias, a população local continuou a se surpreender, ao circular pelos arredores ou pelos bairros vizinhos e encontrar mais e mais esquinas tomadas pela novidade mercadológica. A sensação que muita gente deve ter experimentado (ao menos foi a que eu experimentei) é a de que estava caminhando por uma verdadeira Oxxolândia.

Como urbanista e ativista pela comida de verdade, fiquei realmente abalada com essa transformação na paisagem urbana. Além de dissolver laços históricos entre moradores e antigos comerciantes, dinamitando as relações de confiança, de solidariedade e de pertencimento a uma coletividade, que foram construídas ao longo do correr do tempo, os mercados da rede ainda se esmeraram em vender predominantemente os produtos industrializados que tanto nos fazem mal.

São as Big Foods ganhando mais e mais terreno em nossas sociedades regidas pelo imediatismo, pela facilidade, pela falta de conexão com a natureza. Cada mercadinho parece ter exatamente o que um habitante urbano, sem tempo para planejar sua rotina e refletir sobre suas escolhas de consumo, deseja. Tudo prático, padronizado, ordenado de modo facilmente usufruído, sem nenhum tipo de referência à cultura local ou necessidade maior de interação humana.

Chantagistas de plantão

O livro Donos do mercado: como os grandes supermercados exploram trabalhadores, fornecedores e a sociedade, parceria da Editora Elefante com O Joio e o trigo, desnuda o cenário comercial decorrente do domínio do varejo por parte de pouquíssimas corporações, em geral transnacionais.

Foi através dele que eu descobri que, nesse setor tão pouco regulado pela ética, a palavra enxoval não tem nada a ver com um conjunto de roupas de cama, mesa e banho para casais e seus bebês. Trata-se de uma forma de extorsão sofrida pelos fornecedores por parte das grandes redes que eles atendem. Ela é explicada detalhadamente na publicação, assim como muitos outros abusos.

Para resumir um pouco essas práticas abusivas, podemos dizer que, em geral, as tais promoções - que empresas como Carrefour, Pão de Açúcar e Walmart realizam - são bancadas unilateralmente pelos fornecedores dos produtos ofertados, que acabam vendendo com prejuízo. Quem não se submete a esse achaque é boicotado e pode ter seu produto escondido em prateleiras menos visíveis, ou até banido temporariamente. Se você ainda tinha dúvidas sobre o que rege esse setor, acabou de achar a resposta: chantagem.

O apelo financeiro ao anunciar preços promocionais, que são impraticáveis por mercados menos poderosos, faz com que a livre concorrência (se é que isso existe mesmo) seja implodida de vez. Para a população, que costuma suar tanto para ganhar o sustento diário, comprar produtos um pouco mais baratos pode significar a diferença entre ter ou não comida na mesa.

E assim o pequeno comércio local vai sofrendo para seguir em pé, e uma rede capitalizada - como a do Oxxo - pode facilmente negociar sua compra, como demonstra a recente multiplicação dos mercadinhos da empresa nos antigos pontos comerciais do espaço urbano. Esse fenômeno também ocorre pelo assédio das incorporadoras imobiliárias. Elas têm erguido um volume recorde de prédios em bairros tradicionais - boa parte deles do tipo estúdio, um nome pomposo para o que antes era chamado de quitinete.

Sobem os novos edifícios-empreendimentos e desaparecem as quitandas familiares, os restaurantes de comida caseira, as antigas vendinhas… Vamos ficando mais e mais dependentes dos hipermercados, dos shoppings e dos aplicativos de entrega, todos controlados por executivos e acionistas insaciáveis - articulados em uma trama financeira internacional -, que drenam nosso suado dinheirinho para perpetuar a expansão de seus negócios e conquistar uma fatia ainda maior do varejo.

A concentração de poder e de dinheiro é tão brutal que o salário de um “colaborador” ou uma “colaboradora” que trabalha em uma das unidades das grandes redes varejistas chega a ser mais de mil vezes menor do que o de um de seus CEOs (o CEO do Assaí/Sendas, por exemplo, ganhou cerca de R$ 24 milhões só no ano de 2023). E as rotinas laborais são estafantes e apresentam condições físicas e emocionais muitas vezes insuportáveis.

Isso vale também para o comércio online, e o livro Como resistir à Amazon e por quê: a luta por economias locais, proteção de dados, trabalho justo, livrarias independentes e um futuro impulsionado por pessoas, cuja versão brasileira também foi publicada pela editora Elefante, revela os bastidores da exploração desenfreada feita pela corporação, com a precarização do trabalho reinando onde ela opera.

Vai um veneninho aí?

O Brasil é o campeão no uso de agrotóxicos há quase duas décadas. Só em 2025, foram liberados 912 novos produtos (apenas 162 são biológicos e/ou usados na Agricultura Orgânica), muitos deles não permitidos em países do norte global. Mais um recorde para nossa triste coleção.

Nosso território rural está sendo mais e mais dominado por monoculturas de commodities, como soja, milho e cana-de-açúcar. Se em grande parte esses cultivos são destinados à exportação, eles também são transformados em óleos, farinhas, açúcares e entram na composição de quase tudo o que se vê embalado nas prateleiras dos mercados. Formam a base de produtos nada saudáveis que vão parar nas nossas barrigas: os ultraprocessados.

As três edições da pesquisa Tem veneno nesse pacote, realizadas pelo IDEC, revelam que, mesmo com todas as etapas de processamento sofridas por esses produtos - antes de se tornarem biscoitos, sucos artificiais, macarrão instantâneo, nuggets -, eles ainda apresentam resíduos de agrotóxicos. Isso significa que essa carga tóxica vai se somar aos aditivos que recebem para durarem mais, terem mais palatabilidade e até viciarem nosso cérebro com suas fórmulas maximizadoras do prazer imediato. É a receita perfeita para o adoecimento, como vemos no aumento dos casos de síndrome metabólica e câncer, inclusive em crianças, principais alvos da publicidade.

Esse sistema agroalimentar doentio, em que gigantescas plantações de commodities, poderosas indústrias alimentícias e insaciáveis redes de comercialização dominam todas as etapas relacionadas à comida, é um dos fatores que nos impedem de conquistar segurança alimentar e nutricional, apesar de sermos um país fértil e altamente agrobiodiverso. E nos deixa a milhares de anos-luz de atingir nossa soberania popular, já que os povos das cidades, dos campos, das florestas e das águas acabam sendo forçados a se sujeitar a esse modelo dependente, muitas vezes sob violência.

Durante todo o processo de produção, circulação, comercialização e consumo de alimentos, outro material extremamente danoso à saúde humana e à natureza estabeleceu sua onipresença. Estamos falando do petróleo. Ele está nos fertilizantes químicos industriais usados nas plantações, no diesel que move os veículos de transporte e nas embalagens que envolvem quase tudo o que é ofertado ao nosso consumo: de bandejas de isopor a garrafas PET, incluindo os famigerados saquinhos plásticos que ainda reinam nos grandes mercados.

Não é à toa que a Venezuela, país com a maior reserva de petróleo do mundo, foi atacada pelo governo estadunidense; e que o chamado “Oriente Médio”, também repleto do “ouro negro”, vive entre conflitos bélicos intermináveis. Sem petróleo, sem Agronegócio, sem indústria alimentícia e sem redes varejistas. E os resíduos de todos esses usos vão se acumulando dentro e fora de nós, já que vemos microplásticos tanto no cérebro humano como em mares muito distantes da civilização ocidental.

Da utopia à realidade

Os movimentos sociais que lutam pela Soberania Alimentar têm uma proposta radicalmente diferente desse modelo tóxico, injusto e insustentável. A Agroecologia - construída junto a uma redistribuição de propriedades rurais e urbanas e ao estabelecimento de relações econômicas não predatórias entre quem produz, quem vende e quem consome -, oferece um caminho viável para evitarmos o abismo ao qual o atual sistema nos dirige.

Enquanto a população campesina, através de organizações como o MST e o MPA, está implantando agroflorestas, trabalhando com bioinsumos, cultivando biodiversidade e lutando por uma Reforma Agrária Popular e Agroecológica, a população das cidades também se articula para escapar das garras corporativas. Hortas urbanas, grupos de consumo solidário, institutos de comércio justo, cozinhas comunitárias… compõem uma teia de relações mais harmoniosas entre as pessoas - e delas com o ambiente.

Mas ainda não havia uma iniciativa que rompesse com a ideia de que quem compra e quem vende não podem se fundir. E ela acabou de nascer! A GOMO COOP é o primeiro mercado cooperativo participativo do Brasil e se estabeleceu no centro da maior cidade sul-americana, São Paulo, após anos de pesquisa, diálogo e construção conjunta por parte de um grupo de pessoas que não se conformava em ser refém das máfias agroalimentares. Ela abriu as portas oficialmente no dia 6 de janeiro e, por enquanto, está atendendo o público em geral, além de integrantes que já se associaram - mais de 400 até agora.

Se você está se perguntando qual a diferença entre a GOMO e um outro mercado, podemos começar justamente pelas relações de trabalho, que costumam ser tão cruéis nas redes varejistas corporativas. Nada de patronato; aqui são as próprias pessoas integrantes da iniciativa - chamadas de cooperantes - que trabalham para que tudo funcione.

Como o mercado é delas, já que adquiriram uma cota parte do capital social para participar (como em qualquer cooperativa), não faz sentido pagarem salários a si mesmas e, ao invés de serem regidas pelos valores monetários, elas se organizam em turnos de 3 horas de trabalho mensais cada uma, o que mantém a estrutura em pé.

Como integrantes, essas pessoas passam a acessar produtos de qualidade a bons preços, definidos a partir de uma margem média de 35% sobre o valor pago aos fornecedores. Diferentemente de outras cooperativas, as sobras não são distribuídas entre as cooperantes, mas reinvestidas na própria Gomo, o que permite fortalecer a estrutura do mercado e criar condições para a redução progressiva dos preços à medida que mais pessoas aderem. Esse equilíbrio também é viabilizado pelo trabalho realizado pelas cooperantes nos turnos, que reduz despesas operacionais e contribui para a sustentabilidade da iniciativa.

Sim, se você se associar, irá trabalhar, vender e comprar no SEU próprio mercado! Eu, como cooperante, já tive esse prazer e a sensação é de liberdade, de justiça, de pertencimento à coletividade e até de encontrar sentido em ser parte da espécie humana, enquanto um ser que se organiza em sociedade.

Entra a GOMO, sai a (bala de) goma

Claro que, como ativista, também sinto uma satisfação imensa em dar uma banana para as Big Foods. Ainda mais porque a nossa banana é livre de venenos e é produzida pela Agricultura Familiar - sendo comprada por um valor justo tanto para quem cultiva quanto para quem come.

Mas, por mais que amemos as bananas, a fruta que inspirou a cooperativa é outra. A palavra GOMO se refere a um gominho de mexerica, e simboliza a relação inescapável entre a individualidade e a coletividade, já que é a união dos gomos que permite a formação da fruta. Além disso, cada gomo também é formado por pequenos gominhos (que contêm o sumo e o liberam quando mordemos), reforçando a ideia de integração.

Assim, o conjunto de cooperantes dá corpo a uma comunidade. Ou melhor, a uma Gomunidade, em que cada pessoa contribui de acordo com o que é necessário e de suas possibilidades. As três horas mensais trabalhadas (quem quiser pode trabalhar mais, como forma de contribuição, ou para ter a satisfação de conviver mais com outras e outros cooperantes) são destinadas a todo tipo de serviço, respeitando as condições de cada pessoa. Pode ser organizando as prateleiras no estoque ou na loja, atendendo o público, limpando o local ou cuidando dos resíduos.

Por falar em resíduos, na GOMO você não vai encontrar produtos ultraprocessados e ultra-embalados. Nada das marcas mais agressivas à sociedade e à Mãe Terra. Isso significa que não haverá os onipresentes pacotinhos plásticos de bala de goma no caixa, como ocorre nos Carrefours e Extras da vida. Nada de seduzir a criançada com produtos coloridos artificialmente, atolados de açúcar e aditivos, paupérrimos em nutrientes e produzidos em formato de dentadura, ursinho, minhoca. A comida comercializada é de verdade e quem já experimentou os alimentos pode garantir que tudo é muito gostoso, além de não ter um valor salgado.

As comparações com os preços dos mercados convencionais mostram que a GOMO está com valores mais baixos para a maioria dos itens vendidos. Todos os hortifrutis são orgânicos e, mesmo assim, muitos estão abaixo do preço que os produzidos com agrotóxicos custam. É um impulso para a democratização da comida agroecológica, aquela que nutre nossos corpos, regenera nossos ecossistemas, valoriza nossa diversidade biológica, étnica, social e cultural.

Aliás, a cultura deve mesmo florescer no espaço da cooperativa e entre as pessoas que a compõem, já que elas possuem formações muito variadas e muitas ideias têm surgido, como montar uma biblioteca e organizar vivências.

Urbanidade frutífera

A GOMO foi livremente inspirada em iniciativas criadas em outros países, mas sempre com um olhar atento para a realidade brasileira. Como foi instalada na Vila Buarque, em São Paulo, também houve um cuidado com a cidade, com o bairro e com o entorno. A proposta é ser um lugar central, de fácil acesso, próximo ao metrô, para que cheguem pessoas de todos os cantos da metrópole. E, também, estimular as relações de convívio no entorno - que, como outros bairros paulistanos da região, é vítima dos

processos de degradação urbana característicos do centro antigo, mas ainda possui uma população ativa que mantém a vida pulsando.

Embora a intenção da Gomunidade não seja a de abrir filiais do mercado, o zum zum zum causado pela novidade já tem despertado reflexões e inspirado mais pessoas a se sentirem tentadas a construir algo que também não se submeta à lógica exploradora que hoje predomina na nossa sociedade. Veículos da imprensa corporativa - os mesmos que repetem a exaustão que o Agro(negócio) é Pop, é Tec, é Tudo - já fizeram matérias para falar da iniciativa.

Alguns insistem em distorcer a proposta, dizendo que o mercado vai pagar trabalho humano com comida - o que seria inaceitável do ponto de vista ético ou legal, já que a escravidão foi, ao menos teoricamente, abolida há mais de um século. Mas muitos tratam de modo menos tendencioso e apontam os pontos positivos e também os desafios, que existem e estão sendo enfrentados.

Se mais pessoas se sentirem provocadas a questionar o modo abusivo com que atuam os tais "donos do mercado", temos chance de abrir frestas na "Oxxolândia" e semear outros "frutos" no espaço urbano. Não precisam ser mexericas, já que a ideia não é sair replicando o modelo da GOMO com todos os detalhes exatos, como costuma ser feito com uma franquia.

Cada nova iniciativa poderá ser construída conforme as condições encontradas, o local escolhido e a criatividade ilimitada das pessoas envolvidas, tão tolhida na sociedade de exploração em que vivemos. E para isso, a própria Gomo estará preparada para compartilhar seus estudos e aprendizados; foi também com esse intuito que todo o processo de estruturação da Cooperativa foi documentado.

Podem surgir iniciativas tão variadas quanto a nossa diversidade biológica e cultural: "pitangas", "grumixamas" e "cambucis", por exemplo, podem inspirar outros modelos e dialogar com as "mexericas" da GOMO. O que importa é romper esse asfalto árido que tem sufocado nossa vida comunitária, nossas escolhas alimentares, nossa justiça social, nossa expectativa de sobrevivência no futuro.

As Big Foods, assim como as Big Techs e as Big Pharmas, podem ser poderosas frente às nossas organizações "alternativas". Mas, como demonstraram - no finalzinho do ano passado - os movimentos sociais com a vitória conquistada contra as indústrias de refrigerantes na Reforma Tributária, não são invencíveis.

O que está aí já mostrou que deu (muito) errado, como a crise civilizacional nos esfrega na cara todos os dias. É hora de abrir novos caminhos e a GOMO está nessa missão. O tempo dirá se ela será mesmo tão frutífera como sonhamos, mas este início está sendo emocionante e rompeu a mesmice conformista de quem já se resignou a ser massacrado/a sem reagir.

Viva a comida de verdade! Viva a organização comunitária! Viva a ousadia de quem não desiste de sonhar!

Saber Funcional

Reflexões sobre o dia 26 de janeiro - Dia Mundial da Educação Ambiental

Por Valéria Paschoal - VP Consultoria Nutricional

A Educação Ambiental é um processo contínuo e transformador que acompanha o ser humano desde a infância até a terceira idade, promovendo consciência crítica sobre a relação entre sociedade e natureza. Na infância, ela se manifesta por meio de experiências simples, como aprender a separar resíduos, cuidar de plantas e compreender a importância da água e do solo.

Já na adolescência e na vida adulta, amplia-se para reflexões sobre consumo responsável, impactos ambientais e responsabilidade coletiva. Na maturidade, a Educação Ambiental também assume um papel de legado, permitindo que o conhecimento e as práticas sustentáveis sejam transmitidos às novas gerações.

Um dos pilares centrais da Educação Ambiental é a correta coleta e destinação do lixo. Separar resíduos recicláveis, orgânicos e rejeitos é uma atitude simples, mas de grande impacto ambiental e social. Quando bem orientada, a população contribui para a redução da poluição do solo e da água, diminui a sobrecarga dos aterros sanitários e fortalece cadeias de reciclagem que geram trabalho e renda. Além

disso, compreender o ciclo dos resíduos estimula escolhas mais conscientes, como a redução do desperdício e a preferência por produtos com menor impacto ambiental.

É de profunda importância o conhecimento da pegada de carbono associada à dieta brasileira. Embora o Brasil possua uma rica biodiversidade e ampla produção de alimentos in natura, o padrão alimentar atual tem se afastado dessa base tradicional, com aumento do consumo de ultra processados e elevado consumo de proteínas de origem animal. Esse modelo alimentar contribui significativamente para as emissões de gases de efeito estufa, sobretudo em função da pecuária intensiva, do desmatamento associado à produção de ração e do transporte de alimentos. Incentivar uma alimentação mais consciente, com maior presença de alimentos frescos, regionais e de origem vegetal, além da redução do desperdício alimentar, é uma estratégia eficaz para diminuir a pegada de carbono individual e coletiva, promovendo benefícios simultâneos à saúde humana e ao meio ambiente.

Além disso, o Brasil figura entre os países que mais produzem resíduos sólidos no mundo, reflexo direto do crescimento populacional, da urbanização acelerada e de padrões de consumo pouco sustentáveis. Grande parte desse lixo ainda é descartada de forma inadequada, gerando impactos ambientais relevantes, como contaminação do solo, poluição de cursos d'água e emissão de gases poluentes.

A Educação Ambiental, nesse cenário, desempenha papel essencial ao conscientizar a população sobre a redução do consumo, a reutilização de materiais e a correta separação dos resíduos. Ao compreender a dimensão do problema e assumir responsabilidade sobre os próprios hábitos, o cidadão se torna agente ativo na construção de soluções e na promoção de um modelo de desenvolvimento mais sustentável.

A preservação do solo é outro aspecto essencial abordado pela Educação Ambiental. O solo é um recurso finito, fundamental para a produção de alimentos, para o equilíbrio dos ecossistemas e para a qualidade de vida humana. Práticas como evitar o descarte inadequado de resíduos, reduzir o uso de produtos químicos e valorizar áreas verdes contribuem diretamente para sua conservação. Nesse contexto, o incentivo ao plantio em casa — seja de hortaliças, ervas ou plantas ornamentais — fortalece o vínculo com a natureza, promove bem-estar e estimula hábitos mais saudáveis e sustentáveis no cotidiano.

Ao sensibilizar, informar e mobilizar pessoas de todas as idades, a Educação Ambiental se consolida como uma ferramenta indispensável para a construção de uma sociedade mais equilibrada e consciente. Pequenas atitudes, quando praticadas de forma consistente, geram impactos positivos duradouros no meio ambiente e na qualidade de vida.

Celebrar o Dia Mundial da Educação Ambiental é, portanto, reforçar o compromisso com escolhas mais responsáveis hoje, garantindo um ambiente conservado, saudável e justo para as gerações presentes e futuras.

Além das atitudes individuais citadas neste texto, a Educação Ambiental fortalece o senso de responsabilidade coletiva, estimulando a participação da sociedade na construção de soluções que valorizem o bem comum, o cuidado com os recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida.

Incorporar práticas sustentáveis no dia a dia também passa pela forma como escolhemos e preparamos nossos alimentos. Optar por receitas caseiras, com ingredientes simples, acessíveis e de origem vegetal, contribui para a redução do desperdício, do uso de embalagens e da pegada ambiental da alimentação. Como exemplo de preparo prático e consciente, a receita a seguir propõe uma alternativa nutritiva e versátil, que valoriza alimentos tradicionais e pode ser facilmente adaptada à rotina familiar.

Pão de beijo colorido

Ingredientes:

1 xícara de chá de batata doce roxa cozida
1 xícara de chá de polvilho doce
2 colheres de sopa de chia
2 colheres de sopa de azeite
1 colher de chá de sal
2 colheres de sopa de água (se necessário)

Modo de Preparo: Misture todos os ingredientes até formar uma massa homogênea e que desgrude da mão. Faça bolinhas coloque numa forma antiaderente. Leve para assar no forno pré-aquecido a 180 graus por 15 a 20 min.

Já Mudou!

MPA 30 anos: o Brasil que nasce da terra e a batalha política pelo direito de existir

Por Marcos Antonio Corbari – MPA Brasil

O Brasil do campo sempre viveu entre dois projetos incompatíveis: de um lado, o agronegócio da morte, que concentra terra, lucra com veneno, destrói biomas e transforma comida em commodity; de outro, o campesinato, que cultiva vida, produz alimento de verdade, cria comunidade, protege a água, guarda sementes e sustenta o povo brasileiro mesmo quando o Estado vira as costas para ele. O agro que explora, oprime e massacra os povos em nome do lucro e o campesinato que compreende e preserva a natureza, defendendo a vida a partir da organização e mobilização dos povos.

Há 30 anos, o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) escolheu um lado — o lado do povo. E, desde então, tornou-se uma das trincheiras mais firmes de resistência, organização e construção de um projeto popular de país. O MPA não apenas reuniu agricultores, mas atuou de forma decisiva junto com outros movimentos dos campos, das águas e das florestas para resgatar a palavra "campesinato", arrancando-a do apagamento imposto por quem queria reduzir o trabalhador rural a um "empreendedor do agronegócio". Devolveu ao termo sua força política, coletiva e histórica: campesinato é classe, é identidade, é luta — e hoje está mais vivo do que nunca.

Outro ponto que unifica o simbólico e o factual é a frase que ecoa através dos movimentos da Via Campesina e ganha conotação de palavra de ordem no MPA — "comer é um ato político". A caminhada de três décadas dos pequenos agricultores e pequenas agricultoras organizados sob a bandeira do campesinato mostra que essa frase nunca foi slogan vazio. Ela nasce da constatação de que, quando o agronegócio controla a terra, a água, as sementes, a ciência e o Estado, não estamos falando apenas de comida: estamos falando de poder.

Esse chamado nos faz refletir quem come, o que come, de quem compra, quem produz, quem lucra? Tudo isso compõe uma disputa sobre que Brasil queremos ser. E é nessa disputa que o MPA construiu sua força política: ao defender a soberania alimentar o movimento afirma que o povo tem o direito de decidir como se produz e o que se produz — e não as corporações transnacionais. A principal bandeira do MPA não é o pano encarnado que simbolicamente é erguido nas marchas e mobilizações, mas sim o que nasce da terra e vai pra o prato.

Em 30 anos o MPA mostrou que a resistência camponesa não cabe nos moldes estreitos da "agricultura familiar" domesticada pelos governos. A força do movimento está em garantir que a agroecologia não seja moda acadêmica, mas prática concreta de vida; em denunciar a mentira do "agro é pop" e afirmar que agro é veneno, expulsão e dependência; em construir experiências próprias de abastecimento popular, rompendo com atravessadores e monopólios; em formar uma nova geração camponesa, a partir de jovens que se orgulham da terra e da luta; em reafirmar a terra para quem trabalha nela como princípio irrenunciável.

O MPA ousou dizer o óbvio que muitos temem dizer: não existe democracia com latifúndio. Nesse sentido construiu coletivamente um documento que sintetiza a interpretação do país a partir da sistematização dos saberes e experiências do campesinato: o Plano Camponês é um verdadeiro programa de transição rumo à soberania alimentar e poder popular. Ele não fala apenas de assistência técnica e crédito, ou de modos e sistemas de trabalhar e produzir na terra, ele aponta para a ruptura com a lógica de dependência que estrangula o povo.

Os eixos suleadores desse documento são as soberanias e elas sintetizam um projeto de país: Soberania Alimentar (comida de verdade, para o povo e não para exportação); Soberania Hídrica (água como direito, não como negócio); Soberania Energética (produção comunitária e descentralizada contra o monopólio das grandes empresas); Soberania Territorial (defesa radical da terra como espaço de vida e

dignidade); Soberania Genética (sementes crioulas e biodiversidade nas mãos do povo, não das transnacionais); Soberania do Conhecimento (ciência, cultura e comunicação vinculadas à vida real, aos saberes populares e às demandas da classe trabalhadora).

Através do Plano Camponês o MPA convoca os trabalhadores rurais e urbanos à construção de uma alternativa concreta ao modelo que destrói, envenena e gera fome enquanto exporta soja e outras comodities. O MPA sempre afirmou que a luta do campo e a luta da cidade são uma só. A ideia de aliança operária e camponesa não é nostalgia revolucionária, é a constatação prática de que o trabalhador urbano e o camponês enfrentam o mesmo inimigo — o capital financeiro que controla a terra, a comida, a energia, o trabalho e até a política institucional.

Nesse sentido, a construção do poder popular é a estratégia que atravessa 30 anos de história do movimento através dos comitês, assembleias, redes solidárias, produção comunitária, educação do campo e autonomia organizativa. Neste momento histórico em que o Brasil enfrenta novamente ameaças autoritárias, violência política, destruição ambiental e tentativas de captura das instituições pelo poder econômico, o campesinato organizado ocupa uma posição estratégica e o MPA traz à pauta o que tem afirmado em seus 30 anos de história: sem terra, não há liberdade; sem alimento saudável, não há cidadania; sem participação popular, não há democracia; sem campesinato vivo, não há futuro para o Brasil.

Por isso, celebrar os 30 anos do MPA é celebrar mais do que a história de um movimento. É celebrar a esperança ativa, a teimosia política de quem insiste que o Brasil pode — e deve — ser construído pelas mãos de quem trabalha. É reafirmar que o campesinato é sujeito político indispensável na defesa da democracia, da soberania nacional e da dignidade do nosso povo.

O MPA não olha para trás. Olha para a terra — e a terra, quando cultivada pelo povo, sempre aponta para o futuro.

Vamos Mudar?

MST lança inteligência artificial a serviço da reforma agrária

Por Katia Marko - Brasil de fato

Com um 'pezinho' na tecnologia chinesa, IA é fundamentalmente construída pelos movimentos populares brasileiros

Uma nova ferramenta tecnológica promete revolucionar a produção no campo brasileiro ao unir a vanguarda da computação com os saberes tradicionais dos movimentos populares. Trata-se da Iaraa, uma inteligência artificial (IA) lançada no 14º Encontro Nacional do MST, no dia 21), em Salvador (BA).

A IA está sendo desenvolvida pela Associação Internacional para Cooperação Popular (Baobá), numa parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Marcha Mundial das Mulheres.

Segundo o coordenador para a América Latina da Baobá, Luiz Zarref, a Iaraa nasceu do entendimento de que a inteligência artificial é um desenvolvimento da humanidade que deve estar a serviço da classe trabalhadora e do campesinato, e não apenas do lucro das big techs estadunidenses, que tem um vínculo direto com o agronegócio.

Tecnologia chinesa com DNA brasileiro

Embora a Iaraa tenha o que Zarref descreve como um "pezinho na tecnologia chinesa", sua construção é essencialmente brasileira. A parceria com a China surgiu pela possibilidade de intercâmbio com a "nova qualidade das forças produtivas" defendida pelo país asiático, buscando aplicar essa efervescência digital às necessidades da agroecologia no Brasil.

"A Baobá tem o papel de construir um intercâmbio internacional, um internacionalismo tecnológico entre os países do Sul Global. Por nós estarmos com o escritório na China, tivemos a possibilidade de nos aproximar de toda essa efervescência do mundo digital na sociedade chinesa, a partir de uma definição do próprio Partido Comunista Chinês, de que nós estamos na era da nova qualidade das forças produtivas. E uma delas é a inteligência artificial", explicou.

O núcleo central da IA está sendo alimentado com uma base de conhecimento robusta, que inclui livros, cartilhas e documentos técnicos internos dos movimentos populares, produções de universidades, ONGs e instituições de pesquisa. Além disso, pretende buscar acordos futuros para integrar dados de órgãos como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Funcionalidades: Do combate a pragas à consciência de classe - A Iaraa não se limita a respostas genéricas. Ela está sendo treinada por meio de engenharia de prompts (comandos) para interagir de forma específica com diferentes públicos, como famílias assentadas, técnicos e dirigentes de cooperativas. A ferramenta terá três eixos de entrada: para quem está diretamente no campo (semeadura), para o trabalho em grupo (mutirão) e para assistência técnica.

Na prática, a IA poderá resolver desde questões cotidianas, como o combate a pulgões ou a construção de agroflorestas, até elaborar estudos aprofundados sobre o papel da agroecologia na construção da consciência de classe sob uma perspectiva marxista.

O desafio da massificação - O investimento do MST nesta tecnologia faz parte da estratégia da Reforma Agrária Popular, que coloca a agroecologia no centro da produção de comida saudável para as cidades.

Para Zarref, o grande desafio atual é a escala. “Massificação é escala. Temos que sair das experiências piloto para todas as cadeias produtivas e biomas brasileiros”, afirma o coordenador.

Segundo ele, a Iaraa surge como uma ferramenta de apoio para superar “gargalos tecnológicos”, ajudando a sistematizar milhares de artigos, relatos de experiências e teses do MST no Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra) e no Instituto Educacional Josué de Castro (IEJC) que seriam impossíveis de serem lidos por uma única pessoa. A ideia é que a IA sirva de suporte para a assistência técnica, e não como sua substituta.

Lançamento e próximos passos - Atualmente, a Iaraa está em fase de testes e desenho de arquitetura. O processo de construção da base de dados seguirá de forma orgânica junto aos movimentos até maio, mês previsto para o lançamento oficial na Feira Nacional da Reforma Agrária, em São Paulo.

O acesso inicial deverá ser gratuito, via celular ou computador, embora possa começar de forma limitada a cooperativas e associações devido a restrições de infraestrutura tecnológica. O objetivo final é consolidar a ferramenta como um meio para modernizar a estratégia de produção em escala da agroecologia brasileira.

Brotar é Preciso

Limão é Saúde - O poder simples e natural de um fruto extraordinário

Por Conceição Trucom - Doce Limão

O limão é uma das frutas mais presentes na nossa rotina, mas ainda pouco valorizada. Considerado sagrado pela Medicina Ayurvédica, uma das mais antigas do mundo, ele já era citado nas escrituras védicas como um alimento associado à vitalidade e ao equilíbrio do corpo. A tradição ensina, porém, que não basta o limão existir: é preciso consumi-lo com consciência, respeito e responsabilidade.

O Brasil é um país privilegiado. Temos limão cravo, galego, tahiti e siciliano durante o ano inteiro, muitas vezes no próprio quintal. Mesmo assim, o consumo ainda é baixo quando comparado a outros países, que chegam a utilizar a fruta diariamente. Essa diferença mostra como ainda precisamos avançar em informação e educação alimentar.

O limão se destaca pelo ácido cítrico, que contribui para uma sensação de energia e vitalidade, sendo visto por muitos como uma verdadeira “chispa” natural para o organismo.

O Projeto Limão é Saúde nasce com esse propósito: ampliar o conhecimento e incentivar o uso consciente dessa fruta tão acessível e valiosa.

Entrevistas sugeridas para aprofundar o tema:

Terapia Intensiva do Limão – TV Gazeta
Limão é Saúde – TV Mococa (SP)
Poder de cura do limão: digestão, intestinos e imunidade, com a gastro Denise de Carvalho

Leitura recomendada: *O Poder de Cura do Limão* – um verdadeiro guia de medicina caseira, com orientações sobre tratamentos naturais baseados na sucoterapia, fitoterapia, citroterapia, aromaterapia, terapia floral e cromoterapia, além de conteúdos sobre mineralização e alcalinização humana.

Semeando

Festa da Gomo Coop, Formação em IA popular, curso novo do O Joio e o Trigo e muito mais!

Destaques

- A Gomo Coop, inciativa solidária para a venda de produtos agroecológicos por meio de um mercado sustentado pelo trabalho de pessoas associadas, está completando um mês de atividades. Para celebrar, realizará uma festa aberta ao público em seu espaço, localizado na Vila Buarque, zona central de São Paulo. Será no sábado, dia 31 de janeiro, e haverá comes e bebes, música e até bloco de carnaval. Viva a organização comunitária!!!

- A invasão da **Venezuela e** o sequestro do presidente Nicolás Maduro pelos Estados Unidos **reacenderam um alerta na América Latina.** A ofensiva se insere em uma estratégia histórica de controle de recursos estratégicos, como petróleo e terras raras, e de enfrentamento a projetos políticos que desafiam o neoliberalismo. Para aprofundar o debate, a editora Expressão Popular disponibilizou gratuitamente quatro livros em PDF sobre o cenário político latino-americano. São eles (clique no link para acessar): Um Mundo a Construir e Os Desafios da Esquerda Latino-Americana, de Marta Harnecker; América Latina na Encruzilhada Global e Neoliberalismo, Neodesenvolvimentistmo, Socialismo, de Claudio Katz.

- A Oxfam lançou o relatório Resistindo ao Domínio dos Ricos: Defendendo a Liberdade contra o Poder dos Bilionários. A data do lançamento foi o último dia 19, na mesma semana em que ocorreu o Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos, na Suíça. O estudo analisa como os super-ricos estão garantindo poder político para moldar as regras de nossas economias e sociedades em benefício próprio e em detrimento dos direitos e liberdades das pessoas em todo o mundo. Segundo o documento, a riqueza dos bilionários cresceu 16% só em 2025, enquanto isso, 1 em cada 4 pessoas no mundo enfrenta insegurança alimentar, e quase metade da população global vive na pobreza. O relatório também destaca como políticas pró-riqueza, como cortes de impostos para os super-ricos e o enfraquecimento de regulamentações, têm acelerado essa concentração de poder e renda. Em um momento em que liberdades civis estão sob ataque e protestos são reprimidos em diversos países, a Oxfam alerta: a desigualdade econômica está corroendo a democracia.

- A **"falência hídrica global"** – nova era marcada pelo esgotamento das águas planetárias – foi oficialmente decretada pela ONU no último dia 20 de janeiro. A anúncio veio junto com o lançamento de um relátório que aponta que o mundo entrou em uma época de declínio das águas subterrâneas, superexploração dos recursos hídricos, degradação do solo, desmatamento e poluição, agravados pelas mudanças climáticas. O relatório convoca lideranças globais a promover uma adaptação honesta, baseada na ciência, frente à nova realidade. Saiba mais nessa comunicação oficial da organização (em inglês), e acesse o relatório aqui.

- SindiNutri- SP apoia o sindicato do Paraná! No dia 06 de janeiro, durante passagem pela região sul, a presidente do SindiNutri-SP, Consolação Furegatti, reuniu-se com Tania Deichmann Monreal Muzeli, presidente do Sindicato de Nutrição, Nutricionistas, Técnicos em Nutrição e Dietética do Estado do Paraná

(SINDINUTRI-PR). O encontro teve como pauta a importância da expansão da rede sindical e o apoio às entidades que estão trabalhando para organizar a categoria em suas bases. Quanto mais Sindicatos fortes e atuantes tivermos, maior será a nossa capacidade de luta e defesa de direitos. A atuação conjunta entre os estados é o caminho para garantir que as e os Nutricionistas sejam ouvidos e respeitados em todo o território nacional. Seguimos somando forças!

Livros, estudos, mapeamentos, e mais

- **O livro** Raízes da Resistência - Construindo territórios feministas e agroecológicos no Brasil*, da Expressão Popular,* reúne experiências de mulheres agricultoras do Vale do Ribeira (SP) e da Zona da Mata (MG) para apresentar a agroecologia como resistência à mercantilização da vida e como caminho de transformação social. **R**esultado do projeto franco-brasileiro GENgiBRe, a obra com disponibilização gratuita será lançada em webinário no dia 04/02/2026, das 10h às 12h – inscreva-se aqui.

- Baixe gratuitamente, também, o **e-book** Culpados pela crise, responsáveis pela conta**, da Oxfam.** A publicação denuncia as desigualdades na crise climática e defende que bilionários e grandes corporações, principais responsáveis pelas emissões, devem arcar com os custos da transição ecológica.

- A **ONU Mulheres lançou o guia** Justiça climática feminista: um marco para ação**,** trazendo orientações práticas para que formuladores de políticas públicas tomem medidas para garantir a transição dos países para economias de baixa emissão, ao mesmo tempo em que fortalecem o papel de liderança das mulheres no processo.

- Outro trabalho que oferece suporte sobre clima a gestores públicos é Clima em Síntese: Estudos sobre Saúde e Ondas de Calor no Brasil (2015–2025)**.** Desenvolvida em parceria entre o projeto ProAdapta e a iniciativa Ciência & Clima, a publicação analisa os impactos das ondas de calor na saúde pública e oferece subsídios para ações de adaptação, especialmente no âmbito do SUS e da gestão pública da saúde.

- Ainda no tema clima e intersecções, **o Instituto Pólis disponibilizou o estudo** Racismo Ambiental e Injustiça Climática **nas cidades brasileiras.** O trabalho, realizado com apoio da Misereor, analisa como desigualdades raciais, sociais e territoriais nas cidades aprofundam vulnerabilidades socioambientais frente à crise climática, e aponta caminhos para políticas urbanas mais justas.

- O Portal de Livros Abertos da USP disponibilizou gratuitamente a obra **Fornecimento de Sementes e Mudas Nativas no Brasil**, de autoria das pesquisadoras Samira Rodrigues Miguel e Nathália Cristina Costa do Nascimento. A publicação **mapeia fornecedores de sementes e mudas e discute desafios da restauração ecológica,** revelando gargalos estruturais, desigualdades regionais e a importância das redes locais de sementes para o avanço da recuperacão de ecossistemas. Saiba mais aqui.

- A Glac, editora da Teia dos Povos, colocou em pré-venda os livros **Mutirão - ajuda mútua no campo**, de Clóvis Caldeira*, e* ***As soluções já estão aqui*** **- Estratégias para a revolução ecológica vindas de baixo**, de Peter Gelderloos. As obras trazem experiências de cooperação e construção comunitária, solidariedade e luta coletiva, afirmando as práticas de economia solidária, agroecologia e resistência popular como caminhos para a revolução do ”bem-virá”. Faça sua encomenda aqui

- O **Guia Alimentar para a População Brasileira completa 10 anos em meio a debates quentes sobre alimentação.** A recente divulgação da nova ”pirâmide alimentar” dos Estados Unidos reacendeu críticas de peso aos modelos reducionistas e distorcidos de nutrição, baseados em produtos ultraprocessados e interesses corporativos. No Brasil, o Guia Alimentar para a População Brasileira, referência internacional, completou uma década defendendo e celebrando a comida de verdade, as culturas alimentares do nosso país, os sistemas alimentares sustentáveis e o direito humano à alimentação adequada. O documento

segue fundamental para orientar políticas públicas, práticas educativas e escolhas mais saudáveis. Baixe aqui o guia, entenda porque ele é uma obra-prima, e compartilhe com suas redes.

- E pra terminar com o coração quentinho: conheça as plantas de afeto de mulheres periféricas, lideranças dos movimentos sociais de seus territórios no livro **Canteiros Medicinais Periféricos**. O livro pode ser baixado de forma gratuita aqui ou pelo site da editora Glac: www.glacedicoes.com

Chamadas, editais e campanhas

- Pesquisa de mestrado quer ouvir quem produz alimentos em áreas urbanas e periurbanas sobre suas percepções das mudanças climáticas. O formulário é rápido, e a participação é voluntária e confidencial. Se você produz ou conhece alguém que produza, participe e ajude a fortalecer a construção do conhecimento científico sobre agroecologia. Acesse o formulário aqui.

- **Chamada aberta para dossiê da Revista Continentes convida a pensar outros futuros possíveis.** A Revista Continentes (PPGEO-UFRRJ) está recebendo submissões para o dossiê ***Territorialidades e epistemologias insurgentes e futuros possíveis***, que propõe reflexões críticas sobre territórios, saberes insurgentes e caminhos alternativos de futuro. O prazo para envio de artigos vai até **31 de março de 2026**. Acesse aqui

- O IDEC, Instituto Brasileiro da Defesa ao Consumidor, denunciou a Becel por publicidade enganosa sobre benefícios cardiovasculares. A entidade solicitou uma investigação da Senacon e do Procon-ES sobre conteúdo publicitário que associa margarina a melhora na saúde do coração. O caso foi analisado pelo Observatório de Publicidade de Alimentos do Idec, que avaliou rótulos, composição nutricional e ingredientes de produtos da marca. Em parceria com o Geppaas, da Universidade Federal de Minas Gerais, também foram examinadas postagens sobre as mercadorias no Instagram da empresa.

Feiras, mostras e rolês

- **Vem aí a celebração dos** 10 anos da Mostra Agroecológica**!** Nos dias **31/01 e 01/02**, o **Sesc Itaquera** recebe uma edição especial da mostra que celebra uma década de encontros, trocas e muita inspiração. A programação reúne grupos e iniciativas que apresentam o que há de mais vivo e transformador em agroecologia, meio ambiente e sustentabilidade.

- **Todo domingo é dia de feira agroecológica no SESC 14 Bis!** Venha conhecer iniciativas que valorizam a agroecologia, os saberes tradicionais e a economia local. A feira acontece das **11h às 15h,** e conta também com **oficinas e demonstrações gratuitas**. Um convite gostoso para trocar saberes e fortalecer redes que cuidam do território. Programação completa aqui.

- Nos 472 anos de São Paulo, comemorados no dia 25 de janeiro, o @guianegro, página especializada em afroturismo, listou 10 "lugares pretos" para visitar na cidade. São Paulo é a capital com maior população negra fora da África - cerca de 5 milhões de pessoas, 42% dos seus 11,9 milhões de habitantes. Como o post lembra, estes são apenas alguns dos muitos lugares incríveis, que mostram a resistência do povo preto paulista diante da história embranquecida da cidade. Bora pro rolê?

Leituras inspiradas e necessárias

- Vale ler o Post da Cátedra Josué de Castro que traz a fala da escritora e pesquisadora Marion Nestle sobre a polêmica das novas diretrizes alimentares dos EUA. Confira: O Guia Alimentar dos Estados Unidos deu o que falar e muita gente perguntou por aqui, por isso compartilhamos alguns pontos de comparação destacados por Marion Nestle, referência global em estudos sobre alimentação e professora emérita da Universidade de Nova York. As diretrizes, que retomam um modelo de pirâmide focada apenas em

nutrientes e incentivam o maior consumo de proteínas, “são retrógadas e contraditórias”, de acordo com a especialista. No mais, a gente reforça o privilégio que é termos um Guia Alimentar no Brasil que prioriza a saúde e a sustentabilidade, orientando políticas públicas essenciais e sendo referência para o mundo!

- O artigo A espantosa vitória da desigualdade, de George Monbiot no Outras Palavras, traz perguntas e reflexões sobre o crescimento da distância entre quem tem e quem não tem dinheiro. “Os bilionários tornaram-se cada vez mais fortes, na política e na mídia. Porém, em todo o mundo, vastas maiorias apoiam a redistribuição da riqueza. Como esta vontade é sequestrada? O que ela diz sobre a urgência de novo horizonte político?”

- O artigo Terra: as artes visuais contra o efeito manada reflete sobre como a arte pode ser uma poderosa aliada no enfrentamento da desinformação em torno do agronegócio. A partir da mostra *Histórias da Ecologia*, no MASP, o texto convida a despertar outras sensibilidades para a luta pela terra e para o futuro do planeta.

- Neste artigo para o UOL, Carlos Nobre e José Marengo fazem uma síntese dos principais eventos hidrometeorológicos que marcaram 2025 e evidenciam como o aquecimento global tem intensificado catástrofes em diferentes regiões do país. O texto reforça a urgência de investir em sistemas e políticas de adaptação e resiliência climática em todos os níveis de governo para a população.

- 365 dias de destruição**. Esse é o título do** artigo de **Priscila Pacheco** e **Claudio Angelo, para o Observatório do Clima, em que os autores** analisam o primeiro e destrutivo ano do novo governo de **Donald Trump.** Medidas que aprofundam a crise climática, enfraquecimento de políticas ambientais e medidas que colocam em risco acordos internacionais e territórios ao redor do mundo são alguns dos pontos tocados pelo texto. Leitura atual e necessária.

- Pioneiro da agroecologia no Brasil, **Sebastião Pinheiro** foi um dos grandes homenageados do 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), no ano passado, e conversou com a Radis **(iniciativa de comunicação em saúde pública da Fiocruz)** sobre os vários sentidos da agroecologia. Na entrevista, Tião, como é carinhosamente conhecido, defende a centralidade das mulheres na agricultura, valoriza as raízes quilombolas e indígenas, e provoca reflexões importantes ao afirmar que a agroecologia é uma ideologia em disputa, e não apenas uma tecnologia.

- **Em** Cosmopolítica**, ensaio de** Eduardo Viveiros de Castro para a Teia dos Povos**, o antropólogo** convida a pensar política e cosmos **como uma só questão**, recusando visões únicas e universalistas e abrindo espaço para múltiplos mundos possíveis, inspirados em perspectivas indígenas e na ideia zapatista de “um mundo onde caibam muitos mundos”. Leitura imperdível para entender outras ontologias.

- **Agrofloresta mostra que é possível enfrentar a crise climática no semiárido baiano.** Reportagem publicada no Nexo Jornal com acesso aberto conta experiências de agricultoras e agricultores familiares que vêm criando soluções concretas para reduzir os impactos da estiagem prolongada, fortalecer a resiliência climática e garantir renda e alimento no território. Para inspirar e “esperançar”.

- Reflexão dos @pontosdeculturaememoriarurais lembra que cultura nasce de *colere* (cultivar, cuidar, habitar e proteger), e vai muito além das artes. Nos territórios rurais, ela se manifesta nas práticas que sustentam a vida coletiva: do plantio às celebrações, da cura tradicional à cozinha comunitária, dos saberes de raizeiras, parteiras e quebradeiras de coco às formas de organizar e cuidar do comum. Curta aqui.

Cursos, oficinas e vivências

- Foi lançado o terceiro e último curso da série Desenvolvimento Urbano Integrado, fruto da parceria do Ministério das Cidades, do Instituto Pólis e da Cooperação Brasil-Alemanha. No curso, que é autoinstrucional, gratuito, certificado e pode ser acessado a qualquer momento, você acessa diversos conteúdos sobre o tema na periferias. Não perca!

- Está aberta a chamada para o curso Inteligência Artificial e Movimentos Populares, uma iniciativa do MTST, do MST e da Marcha Mundial das Mulheres, com apoio da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. O curso propõe refletir criticamente sobre o uso da IA, seus impactos políticos e como essa tecnologia pode fortalecer a comunicação, a formação e a organização dos movimentos populares. De fevereiro e abril, no centro de São Paulo, com vagas limitadas. Inscreva-se já!

- Diante das ondas de calor e do avanço da crise climática, o O Joio e o Trigo e o Instituto Socioambiental lançam o curso online Clima e Sociobiodiversidade – Formulando Soluções de Futuro. Com aulas gravadas e acesso livre, a formação aborda mudanças climáticas, direitos e contribuições de povos indígenas e comunidades tradicionais, além de debates sobre mercado de carbono. Imperdível.

- De **26 de janeiro a 13 de fevereiro** estão abertas as inscrições para o curso Sistemas produtivos para restauração de paisagens florestais, uma formação **100% online e gratuita** fruto de uma parceria do **IPÊ** com a Escola de Meio Ambiente da **Universidade de Yale.** Voltada a profissionais que atuam com restauração e uso sustentável da terra no Corredor Central da Mata Atlântica (Espírito Santo e sul da Bahia até Salvador), a formação acontece entre **31 de março e 30 de abril,** combinando conteúdos gravados e encontros ao vivo.

- A União Popular de Mulheres está realizando oficinas gratuitas e exclusivas para mulheres, focadas em práticas de autocuidado natural, saúde e fortalecimento da autonomia econômica. As atividades acontecem **todas as terças-feiras, das 14h às 16h,** e incluem produção de incensos naturais, cosméticos terapêuticos e outras técnicas que aproximam as participantes da natureza e estimulam o cuidado consigo e com o coletivo. Para participar, basta se inscrever pelo link da bio da @uniaopopulardemulheres

Podcasts, vídeos, filmes e jogos

- No episódio Nescau no hospital, Coca na farmácia, o podcast Prato Cheio, de O Joio e o Trigo, debate como ambientes que deveriam promover saúde, como farmácias e hospitais, vêm se transformando em vitrines de ultraprocessados, energéticos e produtos licenciados voltados inclusive ao público infantil. O episódio está disponível nos principais tocadores de áudio, no YouTube e no site do projeto.

- Jones Manoel debate neste episódio de Vozes Livres a relação entre exploração capitalista, emergência climática e a piora nutricional dos alimentos que consumimos. Entre outras questões, o pensador explica como o aumento das emissões de C02 se relacionam com a maior disponibilidade de carboidratos nas plantas, em detrimento da de minerais e de outras substâncias que garantem a diversidade nutricional do alimento. Um ângulo original e pujente sobre o tema, que nos lembra que, para além do solo, todos os elementos naturais precisam estar em equilíbrio para produzir comida seja sã e plena.

- O Jogo da Alimentação Saudável – Tembi'u Porã Nhanhimangaá é um material didático bilíngue criado por professoras e professores indígenas da Escola Estadual Indígena Aldeia Piaçaguera (TI Piaçaguera, Peruíbe–SP). Criado com o apoio da Comissão Pró-Índio de São Paulo, a iniciativa reforça, de forma lúdica, a importância da soberania e da cultura alimentar nas Terras Indígenas. O jogo criativo e bonito pode ser acessado online ou baixado gratuitamente.

- **Quer saber mais sobre cooperativismo? No documentário** Cooperativas do Brasil: histórias de um mundo melhor**, você conhece** histórias inspiradoras que mostram como a cooperação transforma territórios, gera renda e fortalece comunidades. Um convite leve e potente para conhecer experiências reais de organização coletiva e de construção de modelos econômicos mais justos e solidários.

Programas e políticas

- O Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) lançou o Alimenta Cidades +1000, voltado a ampliar o apoio federal a políticas municipais de segurança alimentar e nutricional. A iniciativa estabelece regras e procedimentos para que cidades manifestem interesse em participar por meio da Plataforma Alimenta Cidades, fortalecendo sistemas alimentares locais, sobretudo em periferias. Conheça, participe, compartilhe.

- O Programa Defensores Climáticos, do Instituto Arayara, oferece diversos serviços de atendimento e proteção a ativistas, ambientalistas, jornalistas, cientistas, lideranças comunitárias, fiscais ambientais que são perseguidas no Brasil por atuarem na defesa de seus territórios contra à mineração de terras raras, termoelétricas, barragens, gasodutos, oleodutos, exploração de petróleo e gás natural fóssil, carvão mineral, urânio, linhas de transmissão de energia. Se você souber quem precisa de ajuda basta indicar o link do programa.

Cuidado: Veneno!

Agrotóxicos: a nova face do complexo de vira-latas de um Brasil como lixeira química do mundo
Por Sonia Corina Hess - professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina

Em 2025 foram aprovados 914 novos agrotóxicos para uso no Brasil. Desses, 152 (16%) continham ingredientes ativos biológicos, incluindo microorganismos, óleos e extratos vegetais, e 140 (92%) de tais pesticidas naturais eram fabricados por empresas instaladas no Brasil. Por outro lado, dentre os 762 agrotóxicos químicos registrados (83% do total), 666 (73%) tinham pelo menos um ingrediente ativo fabricado na China. Além disso, em 393 desses 762 agrotóxicos (51%) havia pelo menos um ingrediente ativo sem uso autorizado na União Europeia (banidos, ou sem registro, ou com registro pendente).

Somando-se os números relativos ao atual governo, de 2023 a 2025, foram aprovados 2.135 novos agrotóxicos, sendo 346 (16%) produtos biológicos e 302 deles (87%) fabricados no Brasil. Dentre os 1.789 agrotóxicos químicos aprovados naquele período, 1.511 (84%) tinham pelo menos um ingrediente ativo fabricado na China e 867 (48%) continham pelo menos um ingrediente ativo sem uso autorizado na União Europeia.

No período de 2019 a 2022, no governo anterior, foram aprovados 2.170 novos agrotóxicos, sendo 278 (13%) produtos biológicos, dos quais 254 (91%) eram fabricados no Brasil. Dentre os 1.892 agrotóxicos químicos, 1.465 (77%) tinham pelo menos um ingrediente ativo fabricado na China, e 1.056 (49%) continham pelo menos um ingrediente ativo sem uso autorizado na União Europeia.

A maioria dos 1.419 agrotóxicos formulados aprovados entre 2023 e 2025 tinha uso autorizado em plantações de soja (895/63%), algodão (671/ 47%), milho (639/45%) e cana-de-açúcar, (404/28%). Também no período de 2019 a 2022, a maioria dos 1.014 agrotóxicos formulados aprovados tinha uso autorizado em plantações de soja (614/ 61%), algodão (443/44%), milho (428/42%) e cana-de-açúcar (336/33%). Tais proporções são compatíveis com as estimativas do uso de agrotóxicos naqueles cultivos industriais no Brasil, 52% do total sendo aplicados em plantações de soja, 10% no milho, 10% na cana-de-açúcar e 7% no algodão.

Os dados apresentados revelam uma realidade que tem perdurado mesmo com a mudança de governos no Brasil. O país depende da China para produzir os ingredientes ativos presentes em torno de 80% dos agrotóxicos químicos autorizados, e metade dos produtos químicos aprovados contém pelo menos um ingrediente ativo sem uso autorizado na União Europeia. Além disso, a maioria dos agrotóxicos

aprovados tem uso direcionado a plantações de soja, algodão, milho e cana-de-açúcar, que não são alimentos direcionados a seres humanos, mas sim, à alimentação de animais, bioenergia e outros usos.

Até quando aceitaremos que o Brasil figure como a maior lixeira química do mundo, onde as multinacionais vendem a preços elevados os agrotóxicos que foram banidos em outros países, sendo considerados lixo por lá? Até quando teremos que beber, respirar e comer esse lixo que contamina os nossos corpos, os animais, as águas, o ar e o solo? Até quando aceitaremos essa situação vexatória, nos comportando como vira-latas simpáticos, enquanto que as multinacionais químicas atuam com a truculência típica dos cães furiosos, insistindo em ferir a nossa dignidade e a nossa saúde?

Fontes dos dados podem ser conhecidas AQUI!